



A polêmica em enunciados socioinstitucionais do Dia Internacional da Mulher

Polemics in International Women's Day socio-institutional utterances

Larissa Vieira de Cerqueira¹
Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro²

RESUMO: O 8 de março simboliza a luta histórica em prol dos direitos feministas em mais de 100 países do Ocidente e do Oriente. Neste artigo, o objetivo é analisar como dois enunciados materializam, linguisticamente, diferentes abordagens sociais sobre o Dia Internacional da Mulher. O referencial teórico-metodológico baseia-se no conceito de ponto de vista de Cunha (2012), Bakhtin (2020 [1924]) e Volóchinov (2019 [1926], 2017 [1929]) e no conceito de polêmica de Bakhtin (2010 [1963]) e Amossy (2017). Os objetos de análise são os seguintes: a) discurso do então presidente Jair Messias Bolsonaro na cerimônia “Brasil pra [sic] elas, por elas, com elas” no Palácio do Planalto; b) artigo de opinião da juíza carioca e então presidenta da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) Renata Gil intitulado “É preciso aprofundar os avanços” no jornal *Correio Braziliense*. A seleção do *corpus* seguiu os critérios: i) período da pandemia de Covid-19, uma vez que a violência doméstica contra a mulher aumentou nesse momento (MARTELLO, 2021); ii) diferentes perspectivas sobre a mulher. Entre os resultados destaca-se: a polêmica se dá na seleção lexical e na polarização entre os pontos de vista machista e feminista sobre o Dia Internacional da Mulher.

Palavras-chave: Ponto de vista; Polêmica; Relações dialógicas; Dia Internacional da Mulher; Violência de gênero.

ABSTRACT: March 8 symbolizes the historic struggle for feminist rights in more than 100 countries of the west and east. In this article, the objective is to analyze how two utterances linguistically materialize different approaches on International Women's Day. The theoretical-methodological framework is based on the concept of point of view by Cunha (2012), Bakhtin (2020 [1924]), and Volóchinov (2019 [1926], 2017 [1929]), and on the concept of polemics by Bakhtin (2010 [1963]), and Amossy (2017). The analysis objects are the following: a) Jair Bolsonaro then president pronouncement at the ceremony “Brasil pra [sic] elas, por elas, com elas” [Brazil for them, in favor of them, with them] in Planalto Palace; b) opinion article by the Rio de Janeiro judge and Brazilian Magistrates Association then president Renata Gil entitled “É preciso aprofundar os avanços” [It is necessary to deepen the advances] in *Correio Braziliense* newspaper. The corpus selection followed the criteria: i) period of Covid-19 pandemic, since domestic violence against women increased at this moment (MARTELLO, 2021); ii) different perspectives on women. Among the results, the following stands out: the polemics takes place in the lexical selection, and in the polarization between the sexist, and the feminist point of view on International Women's Day.

Keywords: Point of view; Polemics; Dialogic relationships; International Women's Day; Gender-based violence.

¹ Mestranda do PPG em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: larissa.cerqueira@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0474-2602>.

² Professora Doutora do PPG em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: maricamp@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0004-9923>.



Introdução

O Dia Internacional da Mulher remonta aos movimentos socialistas europeus e estadunidense, que defendiam, principalmente o sufrágio. (GONZÁLEZ, 2010 [1999], p. 152-155). Trata-se de uma data que, desde suas origens, representa a luta pelos direitos feministas. Atualmente, mais de 100 países nos diferentes continentes, cujos contextos sociopolíticos variam, recordam a importância da data.

A escolha por analisar enunciados desse dia se justifica, porque, no Brasil, as mulheres já são 52,2% da população (GIL, 2022) e ainda sofrem com a falta de direitos básicos, como por exemplo, a negação e o ataque de setores conservadores ao direito de aborto, as restrições à sua participação política e cultural e a violência. As estatísticas são alarmantes: 1.319 feminicídios e 56.098 estupros contra mulheres foram registrados no Brasil em 2021 (BUENO, 2022, p. 2). Há, ainda, o agravamento da violência doméstica durante a pandemia de COVID 19. (MARTELLO, 2021).

Partindo desse contexto, há urgência em abordar os enunciados que circulam no Dia Internacional da Mulher e o papel feminino que defendem. Para isso, escolhemos dois textos: a) o discurso do então presidente Jair Bolsonaro na cerimônia “Brasil pra [sic] elas, por elas, com elas” no Palácio do Planalto; b) o artigo de opinião da juíza carioca e então presidenta da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) Renata Gil “É preciso aprofundar os avanços” no jornal Correio Braziliense. A seleção dos mesmos seguiu os critérios: i) período da pandemia de Covid-19, uma vez que a violência doméstica contra a mulher aumentou nesse momento (MARTELLO, 2021); ii) diferentes perspectivas sobre a mulher.

O primeiro enunciado pertence à esfera política. O segundo, à midiática, mas sua autora integra o campo jurídico. Em princípio, ambas as esferas política e jurídica têm responsabilidade de lutar contra a desigualdade entre homens e mulheres, porque esta gera a violência de gênero, feminicídio, entre tantos outros problemas. A esfera jurídica depende da esfera política para defender as conquistas feministas, de modo que sejam concretizadas por meio de projetos de leis, políticas públicas, entre outros. Daí a importância dessas duas esferas estarem alinhadas em prol dos direitos das mulheres.

A escolha por comparar os enunciados selecionados se justifica por mostrar as tensões sociais existentes entre a posição assumida pelo ex-presidente e pela juíza no que diz respeito ao 8 de março. Trata-se de abordagens distintas em relação às questões de gênero. Aproximá-las fornece pistas sobre os desafios na luta pela igualdade das mulheres. A partir desse



cenário, o objetivo deste artigo é analisar como os dois enunciados materializam, linguisticamente, essas diferentes abordagens sociais sobre o Dia Internacional da Mulher.

Ao investigar esses dois discursos, na primeira etapa, a proposta é a de mapear os marcadores linguísticos de cada um deles separadamente, buscando perceber a materialidade que estrutura o ponto de vista, conceito apresentado na seção a seguir. Na segunda etapa, os dois enunciados serão aproximados de forma a analisarmos em que pontos polemizam em relação ao papel social da mulher e quais as diferenças linguísticas decorrentes dessa polêmica. Para entender as relações entre esses dois discursos, nos valem do conceito de polêmica pública, velada e aberta a serem explicitados.

Uma questão de ponto de vista

O ponto de vista pode ser entendido, de acordo com Cunha (2012, p. 26), como uma metáfora visual, cujo motivo é espacial, porque a maneira como o sujeito vê o seu redor é estabelecida pelo lugar onde ele está. Dessa forma, quando alguém se expressa sobre um objeto, ao mesmo tempo, está mostrando sua forma de perceber o mundo. Por isso, não é possível falar de algo objetivamente, isto é, sem tomar um ponto de vista.

A axiologia bakhtiniana, segundo Cunha (2012, p. 25), se aproxima do conceito de ponto de vista. Bakhtin afirma:

a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto - o que nele é desejável e não desejável - e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo.(BAKHTIN, 2020 [1924], p. 85-86)

Esse excerto reitera o que afirmamos sobre não ser possível tratar de um objeto sem exprimir um ponto de vista. Em um enunciado, além de refletir o objeto, refratamos nossa atitude valorativa acerca dele, isto é, o ponto de vista.

A metáfora de motivo espacial que compõe o conceito de ponto de vista é utilizada por Bakhtin:



[...] um mesmo objeto - igual do ponto de vista do conteúdo-sentido - considerado de diversos pontos de um mesmo espaço por pessoas diferentes, ocupa posições diferentes e é diversamente dado [...] (BAKHTIN, 2020 [1924], p. 126)

A materialidade do ponto de vista se dá na escolha lexical e nos movimentos intra e interdiscursivo. (CUNHA, 2012, p. 35). Quanto à escolha de palavras, Cunha se vale das contribuições de Volóchinov. De acordo com o linguista russo,

as avaliações determinam a escolha da palavra pelo autor e a percepção dessa escolha (a coescolha) pelo ouvinte. O poeta escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida, onde elas se segmentaram e se impregnaram de avaliações. Desse modo ele escolhe as avaliações relacionadas às palavras, sendo que isso ocorre do ponto de vista dos portadores encarnados dessas avaliações. (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 131).

A partir desse excerto, podemos depreender que o ponto de vista do autor determina a escolha lexical a ser feita a partir de um conjunto de palavras já valoradas na vida por diferentes grupos sociais, podendo, então, a seleção lexical mostrar que o autor se alia a um ou mais segmentos da vida. “A palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*”, afirma Volóchinov (2017 [1929], p. 98) ao fundamentar o conceito de signo ideológico.

Em relação aos movimentos intra e interdiscursivos que materializam o ponto de vista, Cunha (2012, p. 22) defende que “as formas e indícios de retomada-modificação dos discursos circulantes estão ligados ao ponto de vista (PDV) aos modos como os enunciadores interpretam, reacentuam e reorientam esses discursos”. Dessa forma, os procedimentos intra e interdiscursivos, que exprimem o PDV são materializados pelo acento com o qual o sujeito traz enunciados alheios para dentro de seu enunciado, se ironiza, se polemiza, se concorda com o discurso do outro mobilizado. Além disso, só existe o ponto de vista, porque há outra(s) perspectivas sobre o mesmo objeto. Trata-se, portanto, de um procedimento elaborado de forma dialógica (CUNHA, 2012, p. 26-27).

Ademais da materialidade da escolha lexical e dos movimentos intra e interdiscursivos, o ponto de vista é “construído em função da finalidade do enunciador, das representações que ele se faz do seu interlocutor, da que ele faz daquilo que ele fala e do que ele pretende dar de si mesmo.” (GRIZE, 1990, apud CUNHA, 2012, p. 27). As relações sociais eu-outro norteiam o ponto de vista.



Analisar, então, a seleção lexical, os movimentos intra e interdiscursivos e as relações sociais eu-outro para compor o ponto de vista de um texto é de grande importância para a interpretação de um enunciado. Se qualquer um desses aspectos for deixado de fora, o sentido que se faz da palavra pode ser completamente outro não situado em sua realidade concreta. A partir desses pressupostos, é que analisaremos o discurso presidencial e o artigo de opinião de voz jurídica, buscando traçar a materialidade linguística que compõe o ponto de vista em cada um deles.

Polêmica: no espaço público, velada e aberta

A polêmica, segundo Amossy (2017, p. 7-8), é uma forma de debate constituída, principalmente, por cinco características: 1) atualidade; 2) interesse público; 3) polarização; 4) argumentação; 5) desqualificação do outro. Amossy explica:

A polêmica é um debate em torno de uma questão da atualidade, de interesse público [...] A primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discurso. O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*. [...] a interação polêmica é muito bem argumentada [...] Quais são os traços que dão à polêmica sua especificidade no interior do campo da argumentação retórica? [...] eles consistem numa ancoragem conflitual, que se traduz pela dicotomização, pela polarização e pela desqualificação do outro - e, apenas de forma secundária, pela violência verbal e pelo *pathos*. (AMOSSY, 2017, p. 49; 52)

A especificidade da polêmica no interior da argumentação, de que trata Amossy, refere-se a sua diferença em relação à deliberação. A modalidade argumentativa polêmica difere-se da modalidade argumentativa deliberativa, porque, nesta, o debate instaurado busca o convencimento de um dos lados para que se chegue a um consenso; já naquela, o debate é radicalizado, o que torna difícil que se chegue a um acordo.

A materialidade da polêmica em um texto se dá, de acordo com Amossy (2017, p. 71), “em termos de procedimentos verbais e de estratégias argumentativas”. Esses dois objetos devem ser enfocados na análise do ponto de vista de um texto polêmico. Segundo a autora,

Debruçar-se sobre a materialidade da linguagem, sobre a circulação dos enunciados, sobre a construção dos argumentos em determinado contexto



permite compreender melhor as múltiplas polêmicas que invadem nosso universo e esclarecer sua lógica subjacente. Ao mesmo tempo, essa atitude permite renovar radicalmente nossa concepção sobre a polêmica pública [...] como debate marcado pela exacerbação dos conflitos, a polêmica é suscetível de participar da construção de um espaço público e da deliberação cidadã (AMOSSY, 2017, p. 197)

Uma das formas de materialidade da polêmica citada no excerto acima é a circulação dos enunciados. Esse aspecto é fundamental para definir o conceito de polêmica no espaço público. Esta não se materializa somente em um diálogo face a face ou em um texto que defende um ponto de vista explicitando seu antagonismo com outra posição. De acordo com, Amossy,

É na circulação dos discursos que se constrói a polêmica como conjunto de confrontos verbais sobre uma questão social. Discursos monogeridos e duelos verbais são conduzidos no fluxo dos enunciados que se entrecruzam e se entrechocam para tratar de um assunto controverso. A fala de um político difundida pelas mídias pode suscitar um artigo de opinião antagônico, por sua vez discutido em blogs ou debatido em um fórum de discussão, ao mesmo tempo em que é comentado em diversos programas de televisão. Nessa expansão, os discursos não se estruturam necessariamente em interações simétricas nas quais cada interação reage à anterior. Eles circulam de forma paralela; só se confrontam indiretamente ou se cruzam ocasionalmente. [...] É necessária a intervenção de uma reconstrução a posteriori para que esses discursos múltiplos e diversificados se dividam claramente em posições antagônicas em que se confrontem os contra e os a favor. (AMOSSY, 2017, p. 101, 102).

A partir do trecho, entendemos que os discursos construídos em uma polêmica pública circulam de forma paralela, não precisam ser construídos explicitamente um em resposta ao outro. É preciso de uma intervenção para aproximar discursos diferentes mostrando seus embates polêmicos implícitos. Esse conceito defendido por Amossy parte do conceito bakhtiniano de relações dialógicas como a autora mesma esclarece: “se a polêmica é profundamente dialógica, nem por isso ela é dialogal. Dialógica ela é no sentido que Bakhtin/Volochinov atribui a este termo” (AMOSSY, 2017, p. 198). Nessa concepção, o enunciado é um elo na cadeia discursiva, podendo responder e polemizar com enunciados anteriores.

Em relação aos estudos bakhtinianos sobre a polêmica, destacamos o conceito de polêmica velada, que está ligado às relações dialógicas de que discorreu Amossy. Trata-se de um choque entre dois discursos de forma que um não cita o outro diretamente. Na polêmica velada,



o discurso não está direcionado ao oponente, ele está voltado para o objeto e, pelo valor que dá ao objeto, se contrapõe ao discurso do outro, o qual é subentendido. Bakhtin explica:

Na polêmica velada [...] qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Este último não se reproduz, é apenas subentendido[...] (BAKHTIN, 2010 [1963], p. 224.)

Há, ainda, o conceito bakhtiniano de polêmica aberta. Diferentemente da polêmica velada, em que um enunciado se choca com outro (mesmo distanciado) no ponto de vista sobre o objeto; na polêmica aberta, um enunciado se choca com o outro explicitamente, se dirigindo ao ponto de vista ou ao sujeito com o qual não concorda. Bakhtin (2010 [1963], p. 224) afirma: “A polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto”. O ponto de vista do outro, o qual se busca refutar é que se torna o objeto na polêmica aberta.

A polêmica velada e a polêmica no espaço público estão estreitamente relacionadas, porque, para identificar ambas, precisamos aproximar dois enunciados distanciados, evidenciando em que pontos polemizam um com o outro. Aqui, a polêmica se dá nas diferentes concepções que os dois enunciados traçam sobre o mesmo objeto. O ponto fundamental de distinção entre os dois conceitos parece residir no fato de que a polêmica pública de Amossy precisa ser de grande alcance, isto é, precisa estar disseminada. Já a polêmica velada de Bakhtin pode ocorrer na aproximação de dois discursos que se opõem em relação ao ponto de vista que constroem sobre o objeto, mas que, não necessariamente, têm repercussão.

Esses dois conceitos serão utilizados na segunda parte da análise, em que confrontamos o enunciado do ex-presidente e o da juíza. Por outro lado, a polêmica aberta é analisada dentro de um enunciado, que se refere, explicitamente, a um ponto de vista de outro sujeito ou de outro enunciado com o qual não concorda. Dessa maneira, esse conceito será mobilizado na primeira parte da análise a seguir, em que nos debruçamos sobre cada enunciado separadamente, buscando traçar a materialidade linguística que compõe seu posicionamento.

Dia Internacional da Mulher: um ponto de vista político



O ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro é conhecido por seu histórico de violência verbal contra as mulheres. As ofensas violentas ocorrem desde que o ex-presidente era deputado federal, como, por exemplo, em 2014, quando reagiu ao discurso que a deputada Maria do Rosário proferiu contra a ditadura militar. Bolsonaro afirmou, na época, que não a estupraria pois ela não mereceria, “porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece” (SABÓIA, 2022).

Partindo do contexto dos recorrentes ataques de Bolsonaro às mulheres, o discurso é elemento chave, porque é por meio da linguagem que o ex-presidente constrói atos violentos. A partir dessas considerações iniciais, partiremos para a análise dos elementos linguísticos que compõem a construção do ponto de vista no discurso do então presidente Jair Bolsonaro na cerimônia “Brasil pra elas, por elas, com elas” no Palácio do Planalto. O discurso retirado do site oficial gov.br pode ser consultado na íntegra na seção “Anexo” deste artigo.

A saudação é a seguinte: “Primeiro, senhores militares, se dependêssemos das mulheres, não teríamos guerras no mundo. Bom dia a todos.”. Na saudação, Jair Bolsonaro, antes de direcionar “Bom dia a todos”, usa o numeral “primeiro”, escolha lexical que mostra que os interlocutores considerados primordiais pelo ex-presidente são os militares. Em um discurso oficial nacional em comemoração do Dia Internacional da Mulher, espera-se que as interlocutoras sejam as mulheres brasileiras, mas Bolsonaro não as interpela. As mulheres são colocadas como objeto do discurso, sobre quem se fala e não como destinatárias. Dessa forma, podemos afirmar que Bolsonaro não fala “para elas” nem “com elas” o que nos permite deduzir que seu discurso não é “por elas”, isto é, pelas suas causas e pelos seus direitos.

Além disso, a saudação contém um estereótipo das mulheres como apaziguadoras, como aquelas que evitam conflitos, estereótipo esse que abre margem para que muitas mulheres sofram violência e relacionamentos abusivos, uma vez que sintam que devem calar-se para evitar conflitos. Estereótipo que apaga todas as mulheres que pegaram ou pegam em armas, que participam de guerras como integrantes de Exércitos ou como guerrilheiras.

Ao seguir para a abertura do discurso, há o seguinte trecho: “Temos problemas, mas os lucros são muito, mas muito, grandes e isso nos anima a continuar. E, obviamente, em grande parte esse lucro vem do trabalho das mulheres que estão ao nosso lado.”. Nesse momento, Bolsonaro se refere às mulheres novamente como objeto do discurso e não como interlocutoras. Porém, agora, não são consideradas todas as mulheres, e sim apenas aquelas que estão ao lado do então presidente, isto é, as que apoiam seu governo.



Ainda nesse trecho, a escolha lexical do advérbio de intensidade “muito” marca a construção do ponto de vista, valorando o lucro econômico que essas mulheres geram com o trabalho de forma a colocá-lo acima dos problemas da nação. Problemas esses que podem ser, inclusive, os da luta da mulher, como, por exemplo, a violência de gênero e estão sendo considerados de menor importância quando comparados aos lucros econômicos, o que configura um discurso neoliberal.

A seguir, em seu discurso, Jair Bolsonaro situa a mulher em relação de inferioridade a um homem:

Tem uma passagem bíblica, Coríntios, que resume basicamente esse nosso dia: “porque assim como a mulher foi feita do homem, assim também o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus.”

É impossível, impossível, cada um de nós, nesse dia, não nos lembrarmos daquela que foi a mais importante em nossas vidas, as nossas mães. Sou um homem feliz, a minha me deixou há pouco tempo, é o destino, é o ciclo da vida, queria que ela continuasse em nosso meio, mas as recordações dela ficam para sempre. Mãe de sete filhos, esposa de um homem que não tinha uma profissão definida [...] (BRASIL, 2022).

Ao trazer a passagem bíblica de Coríntios, Bolsonaro assume um discurso religioso, que situa que a mulher foi constituída a partir do homem, o que, portanto, parece reforçar o ponto de vista machista de que a mulher seja submissa e secundária em relação ao homem.

Logo em seguida, quando o ex-presidente se lembra de sua mãe, a primeira frase que usa para defini-la é, tal como temos acima: “Mãe de sete filhos, esposa de um homem que não tinha uma profissão definida” (BRASIL, 2022). Dessa forma, podemos depreender que, segundo ele, o que define sua mãe é a maternidade e o homem com quem ela é casada. O primeiro aspecto recupera discursos que defendem que a mulher só é mulher se for mãe, excluindo as mulheres que optam por não terem filhos. O segundo aspecto que Bolsonaro usa para definir sua mãe, o homem com quem é casada, novamente, reforça o discurso sexista da mulher ser submissa ao homem, porque, nesse ponto de vista, o que define a mulher é o seu casamento, excluindo as mulheres que não se casam por opção.

O então presidente da república segue seu discurso em um tom particular ao narrar a história de vida de sua mãe e irmãos. Como conclusão da narrativa, temos o seguinte trecho, que menciona a mulher, mas ainda como objeto do enunciado e não como interlocutora:

Então minha mãe, Daniela [sic], foi também uma empreendedora. Lá naquele meu tempo é história; ou a mulher era professora, ou dona de casa,



praticamente. Dificilmente uma mulher fazia algo diferente disso, lá nos anos 50, 60. Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade. (BRASIL, 2022).

Nesse trecho, ao escolher usar o advérbio “praticamente”, Bolsonaro faz uma ressalva ao fato de as mulheres poderem ocupar o lugar que elas quiserem em sociedade, o que reforça o discurso machista, que ele vem mantendo ao longo de sua fala e acaba por ofender as mulheres.

Logo em seguida no discurso, temos o trecho: “A Damares mesmo disse aqui: no nosso governo, a participação da mulher é bem maior que os demais governos, bem como também, um aviso aos machões: o governo que mais prendeu machão agressor, foi o nosso.” (BRASIL, 2022). Aqui, Bolsonaro constrói uma relação interdiscursiva com o discurso de Damares para autopromover seu governo, abordando a participação feminina na política no mandato dele em comparação com o de outros presidentes. Para tanto, ele não usa dados com números precisos, mas o advérbio de intensidade “bem” e o adjetivo “maior”, que são indefinidos.

Além disso, as escolhas lexicais “machões” e “machão” parecem inapropriadas para serem proferidas no Salão Nobre do Palácio do Planalto no Dia Internacional da Mulher. Isso porque, trata-se de um local formal, institucional, “nobre” como o próprio nome diz e que envolve uma causa delicada. O léxico é informal e indelicado para tratar do tema da violência contra a mulher. Além disso, esse trecho se dá em tom de ameaça, porque o objetivo é dirigir um “aviso” aos “machões”.

Esse modo de falar transgredir as normas estabelecidas para o gênero “discurso em cerimônia”. O cerimonial público é regulado pelo decreto Nº 70.274, de 9 de março de 1972. As regras estabelecidas pelo decreto e outras normas são explicadas na apostila formulada pela Escola de Governo do Distrito Federal e publicada em setembro de 2021 para o Curso “Cerimonial e protocolo de eventos”. Trata-se de uma apostila destinada aos servidores públicos do Poder Executivo do Distrito Federal. Entre as normas estabelecidas na apostila, podemos destacar as seguintes:

Usar palavras que expressem respeito e bondade, que sejam fáceis de entender, que acrescentem variedade à sua palestra e transmitam vigor e sentimento apropriado.

[...]

Mostrar discrição no que se diz, em como o diz e em quando o diz, a fim de não dar motivos para outros se ofenderem. (DISTRITO FEDERAL, 2021, p. 27; 29).



A transgressão das regras presentes na apostila se dá, porque o tom de ameaça e as escolhas lexicais “machões” e “machão” não exprimem “respeito e bondade”, mas soam ofensivas frente à delicadeza do tema da violência de gênero.

O encerramento do discurso é desenvolvido em dois parágrafos. No primeiro, temos:

O respeito acima de tudo. E quando se fala em mulher também, para concluir, não se pode deixar de pensar e falar em família. O que é uma família? Como a família era vista há pouco tempo aqui dentro dessa edificação? Quem se lembra do PNDH-3? Quem se lembra do PLC 122? Quem se lembra de ideologia e tantas outras coisas? Quem se lembra dos nomes que antecederam a ministra Damares? Estamos no caminho certo: o respeito acima de tudo, a preservação dos valores familiares. (BRASIL, 2022).

Nesse trecho, Jair Bolsonaro relaciona a mulher a duas palavras: i) “respeito”, que ele valora “acima de tudo”; e ii) “família”, que, segundo ele, “não se pode deixar de pensar e falar”. A palavra “respeito” possui cinco definições no verbete do *Grande Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*:

- 1 ato ou efeito de respeitar(-se)
- 2 (sXV) sentimento que leva alguém a tratar outrem ou alguma coisa com grande atenção, profunda deferência; consideração, reverência
 - 2.1 estima ou consideração que se demonstra por alguém ou algo
 - 2.2 obediência, acatamento
- 3 (1503) o que motiva ou causa alguma coisa; razão <fomos movidos por estes defeitos e por alguns outros r.>
- 4 modo pelo qual se encara uma questão; ponto de vista
- 5 sentimento de medo; receio. (HOUAISS; VILLAR, 2009)

Partindo do que vem sendo analisado em relação ao ponto de vista do ex-presidente sobre a mulher, podemos afirmar que ele usa a palavra “respeito” na acepção “2.2 obediência, acatamento”, porque ele tem defendido, ao longo de seu discurso um único modelo de mulher a respeitado: cisgênero, mãe, esposa, submissa ao homem.

Em relação à “família”, Jair Bolsonaro faz uma série de perguntas. Ao questionar “Como a família era vista há pouco tempo aqui dentro dessa edificação?”, ele abre uma polêmica aberta em relação ao ponto de vista dos ex-presidentes sobre a família. Essa “edificação” a que Bolsonaro se refere é o Palácio do Planalto, em que ocorre seu discurso.

Na pergunta seguinte, “Quem se lembra do PNDH-3?”, Bolsonaro dirige-se, polemicamente, ao ex-presidente Lula, uma vez que o PNDH-3 é o Programa Nacional de Direitos Humanos aprovado por decreto de Luiz Inácio em 2009. A pergunta “Quem se lembra



do PLC 122?” polemiza com o Projeto de Lei da Câmara nº 122, de 2006, iniciativa da Deputada Federal Iara Bernardi propondo a criminalização da homofobia. Tanto Lula quanto Bernardi pertenciam ao Partido dos Trabalhadores (PT), portanto, é uma polêmica aberta não só em relação ao ex-presidente e à deputada federal, mas também em relação aos ideais do PT.

A pergunta em sequência, “Quem se lembra de ideologia e tantas outras coisas?” parece se referir à “ideologia de gênero”, termo criado pelo governo Bolsonaro para se opor à ideia de que gênero é uma construção social e que não está restrito ao sexo biológico de uma pessoa.

Ao abordar a família e polemizar com o Programa Nacional de Direitos Humanos, com o Projeto de Lei 122 e com o que o seu governo chama de “ideologia de gênero”, Bolsonaro mostra que acredita que prejudicam aquilo que ele defende ser o ideal familiar. Para analisar mais profundamente o ponto de vista do ex-presidente e a polêmica que abre neste trecho do discurso, é propício recuperar, interdiscursivamente, excertos de uma entrevista que ele concedeu à Rádio Viva FM de Vitória (ES) em 17 de janeiro de 2022. O primeiro trecho é o seguinte:

A esquerda quer o poder. E a melhor maneira dela chegar ao poder é destruindo os valores familiares. Tivemos lá atrás um projeto de lei chamado 122, que passou na Câmara numa sessão à noite. Não tinha ninguém presente. Nela, por exemplo, um padre ou pastor que, porventura, se negasse a realizar um casamento entre pessoa do mesmo sexo, pegava três anos de cadeia. Foi uma briga enorme lá no Senado, e acabou sendo arquivado depois. Mas foi uma grande medida para tentar destruir os valores familiares e atacar diretamente no coração dos cristãos do Brasil (BOLSONARO, 2022 apud SOARES, 2022)

Nesse momento da entrevista, o então presidente da república detalha o porquê polemiza com o PL 122, defendendo que este destrói os valores familiares, uma vez que instaura o dever de um padre ou pastor de não se negar a realizar um casamento entre pessoas do mesmo sexo.

No trecho seguinte da entrevista, Bolsonaro explica a polêmica que abre em relação ao Programa Nacional de Direitos Humanos 3: “lá em 2010, tinha acabado as eleições, e eu denunciei o tal do PNH3, um projeto do PT que tinha 180 capítulos voltados para outros tipos de família.” (BOLSONARO, 2022 apud SOARES, 2022). Depois, se refere à ideologia de gênero: “Como Deus escreve certo as coisas, às vezes por linhas tortas. As pautas que têm a ver com ideologia de gênero, sabe quem vai decidir por sorteio? André Mendonça. O nosso ministro terrivelmente evangélico.”. A partir dessa entrevista, podemos confirmar que a “ideologia” a que



Jair Bolsonaro se refere em seu discurso é, realmente, a ideologia de gênero a que ele tem defendido ser uma ameaça à família.

Ao retomar a última pergunta que o então presidente faz no discurso para defender seu ponto de vista sobre a questão familiar, temos o seguinte trecho: “Quem se lembra dos nomes que antecederam a ministra Damares?”. Damares Alves, a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, nessa questão, é defendida, por Bolsonaro, como a ministra ideal para a pasta em contraste com os ministros anteriores. Dessa forma, Jair Bolsonaro abre polêmica com os ex-ministros de Michel Temer para a pasta de Direitos Humanos, Luislinda Valois e Gustavo Rocha, e com as secretárias Maria do Rosário e Ideli Salvatti de Dilma Rousseff em sua pasta da Secretaria dos Direitos Humanos, já que ainda não havia Ministério com essa denominação.

Ao final do penúltimo parágrafo, depois de todas as questões, já feitas, Jair Bolsonaro afirma “Estamos no caminho certo: o respeito acima de tudo, a preservação dos valores familiares.”. Nesse momento, o então presidente da república associa a palavra “respeito” e a palavra “família”, reforçando que há um único ideal de família a ser seguido e respeitado: aquela composta por homem, mulher e filhos. Nesse trecho, não teria como a palavra respeito significar “estima ou consideração que se demonstra por alguém ou algo” (HOUAISS; VILLAR, 2009), porque, nesse sentido, se o respeito fosse voltado a todos, todas as formas de família seriam consideradas. A palavra respeito, aqui, significa mesmo “obediência, acatamento” (HOUAISS; VILLAR, 2009) da única forma familiar possível para Bolsonaro.

Passando para o último parágrafo do discurso, temos o seguinte:

Vocês são mais que essenciais, são indispensáveis para o futuro de uma grande nação. Obviamente, não vou falar obrigado por existirem, porque se vocês não existissem, eu não existiria, mas obrigado pelo trabalho, pela dedicação, pela perseverança, pela fé e por tudo aquilo que transmitem aos seus filhos e filhas. Mulheres do Brasil e do mundo, os nossos parabéns, e que continuem cada vez mais participando conosco no futuro da nossa nação. (BRASIL, 2022).

Nesse parágrafo de encerramento, é a primeira vez, no discurso, em que o então presidente se dirige às mulheres como suas interlocutoras e não como objeto de sua fala. Para tanto, ele usa o pronome “vocês”. Aqui, a mulher está associada ao nacionalismo, aos filhos, ao trabalho e à religião. O nacionalismo reside no fato de Bolsonaro relacionar a mulher ao “futuro de uma grande nação”. Porém, se trata de uma retórica nacionalista que não é colocada em



prática. É o que defendem especialistas em Economia e em Ciência Política como Luiz Fernando de Paula e Pedro Lange Netto Machado:

No plano do discurso, o governo Bolsonaro, tanto no período eleitoral quanto já depois de eleito, parecia inclinado ao nacionalismo que se espalha mundo afora. Sua agenda econômica, no entanto, não deixa dúvidas de que qualquer vestígio nacionalista é mera ilusão: os interesses do mercado são (e serão) sempre, ao fim e ao cabo, privilegiados (PAULA; MACHADO - Folha de S. Paulo, 2020).

Depois da questão do nacionalismo, o então presidente da república reitera valores da “mulher ideal” já expostos anteriormente no discurso, são eles: a mulher relacionada ao trabalho, à religião e à maternidade. Um último valor também reiterado está no pronome “conosco”, que podemos considerar “conosco [homens]”, de forma que o homem é estabelecido como central e a mulher como sua auxiliar, submissa. Esse último parágrafo conclui o ponto de vista sobre o papel social feminino construído ao longo do discurso, o de uma única mulher ideal: cisgênero, mãe, esposa, trabalhadora, religiosa, patriota e submissa ao homem.

8 de março sob o ponto de vista jurídico

A juíza carioca e, até dezembro de 2022, presidenta da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) Renata Gil é conhecida por auxiliar a protocolar e a promover o Pacote Basta (PL 741/2021). O texto sancionado tipifica a violência psicológica e a perseguição (*stalking*) contra a mulher, determina o cumprimento da pena por crimes cometidos contra mulheres sob regime fechado, o afastamento do agressor do lar onde reside com a vítima, a criação do Programa de Cooperação “Sinal Vermelho” e o aumento da pena para condenados por feminicídio.

Partindo do contexto da luta de Renata Gil pela garantia dos direitos das mulheres e contra a violência de gênero, o discurso é elemento fundamental, porque é por meio da linguagem que a juíza buscou convencer deputados e senadores para que votassem a favor do Pacote proposto e que continua a propor que os avanços das conquistas feministas continuem. Partiremos para a análise dos elementos linguísticos que compõem a construção do ponto de vista no artigo de opinião “É preciso aprofundar os avanços” de Renata Gil no jornal Correio



Braziliense. O artigo de opinião retirado do site do jornal pode ser consultado na íntegra na seção “Anexo” deste artigo.

Gil abre o artigo defendendo seu ponto de vista: o apoio às conquistas femininas contra a violência de gênero. O trecho a seguir é o de abertura:

Inegáveis avanços na legislação brasileira de enfrentamento à violência contra a mulher podem ser comemorados neste 8 de Março de 2022. Há exatamente um ano começava a tramitar no Congresso Nacional o Pacote Basta, que, aprovado em tempo recorde, alterou o Código Penal e a Lei Maria da Penha para criminalizar a violência psicológica contra a mulher, instituir o programa de cooperação Sinal Vermelho Contra a Violência Doméstica, e, principalmente, tornar mais rígidas as punições para crimes cometidos contra mulheres. (GIL, 2022)

Ao iniciar com a seleção de palavras “inegáveis avanços”, a juíza defende que há progressos na luta pelos direitos das mulheres, mas, assim como mostra na escolha de seu título “É preciso aprofundar os avanços”, Renata Gil acredita que ainda é necessário continuar a batalha feminista. As conquistas citadas por ela advêm da aprovação do Pacote Basta.

A seguir, no artigo de opinião, temos o seguinte parágrafo:

A partir de proposição legislativa sugerida pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), o presidente da República sancionou a Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021 - iniciativa que demonstra que o único caminho para a reversão do cenário catastrófico é a parceria entre Judiciário, Legislativo e Executivo. Juntos, os Três Poderes podem fazer ecoar, cada vez mais, a voz dos cerca de 109 milhões de brasileiras, que apesar de corresponderem a 52,2% da população, estão longe de ocupar os espaços de poder. (GIL, 2022)

Nesse excerto, Gil menciona o contexto em qual estava escrevendo este artigo, em que Jair Bolsonaro havia sancionado o Pacote Basta. A seleção lexical “cenário catastrófico” mostra o quanto a então presidente da AMB reforça a urgência da causa de violência contra a mulher pela qual luta. A juíza mostra, ainda, o desejo por uma contínua cooperação entre os três poderes em luta pela causa da mulher.

No terceiro e no quarto parágrafos do artigo de opinião, Gil afirma:

Como primeira mulher a presidir a AMB em 70 anos de existência da instituição, tenho buscado honrar a posição implementando ações que contribuam efetivamente para o fim da violência doméstica — verdadeira chaga social, agravada com o confinamento imposto pela pandemia. Levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) indica que,



em 2020, uma em cada quatro brasileiras acima de 16 anos sofreu algum tipo de violência.

Por essa razão — e porque o Brasil, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (Acnudh), é o quinto país com mais feminicídios no mundo — levamos a cabo, ainda antes da apresentação do Pacote Basta, a campanha Sinal Vermelho Contra a Violência Doméstica, que incentiva mulheres vítimas de abusos, ameaças e agressões a pedir socorro com um X na palma da mão em estabelecimentos de acesso público, como farmácias, shopping centers, agências bancárias e repartições públicas. (GIL, 2022)

No terceiro parágrafo, a juíza traz uma informação pessoal, o cargo que ocupava, à época do artigo, como presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros, que, no entanto, ganha força coletiva, representa uma conquista para a luta feminista, porque trata-se da primeira mulher a ocupar essa posição. Além disso, nesse excerto, Gil destaca o agravamento da violência doméstica na pandemia, selecionando dados estatísticos e situando este problema como um alvo de suas ações.

No quarto parágrafo, Renata Gil escolhe trazer mais uma estatística urgente de violência de gênero aliada à campanha Sinal Vermelho proposta para lutar contra essa realidade. A seleção contínua de estatísticas mostra o ponto de vista técnico de uma juíza que conhece a realidade com a qual trabalha e mostra uma estratégia argumentativa de convencimento do seu leitor sobre o seu ponto de vista: o da urgência em defender a causa feminista.

A seguir, no artigo, Gil afirma:

Com a transformação do projeto em lei federal, o poder público, em suas diferentes esferas, tem realizado campanhas de conscientização permanentes. Muitas vezes, fragilizadas emocionalmente e dependentes financeiramente, mulheres agredidas se veem impedidas de se afastar dos companheiros, cativas de um círculo vicioso que, no limite dos ataques, pode transformá-las em vítimas de assassinato. (GIL, 2022)

Nesse excerto, Gil cita o fato da campanha do Sinal Vermelho compor o Pacote Basta de forma que foi sancionada e se tornou lei. O foco recai sobre o fato de que ela explica o contexto da maioria das mulheres que sofrem violência se referindo aos agressores das mulheres como “companheiros”. A escolha lexical se afina com a delicadeza do tema de que trata e com a formalidade de um jornal. Ao usar essa palavra, a juíza parece se colocar no lugar da mulher, que é agredida, muitas vezes, por um homem pelo qual ela sente afeto, de quem ela depende emocionalmente, financeiramente etc.

Gil continua o artigo nos parágrafos seis e sete:



O que foi conquistado até aqui é consistente. A baixa representatividade feminina na Câmara e no Senado (apenas 15% das bancadas é formada por deputadas e senadoras) não impediu êxitos relevantes como a criação do tipo penal de violência psicológica contra a mulher; o que nos leva a refletir também sobre o papel fundamental que os homens — a maioria dentro das casas legislativas — precisam desempenhar: não há combate à opressão sem a transformação dos que a praticam cotidianamente.

Do ponto de vista do Judiciário, para vencermos a discriminação, é necessário estabelecer a paridade de gênero nas bancas de concursos para a magistratura. É ultrajante perceber que, a despeito de, nos últimos anos, ter crescido a quantidade de mulheres aprovadas nos certames para ingresso na carreira, o mesmo não tenha ocorrido nas escolhas dos nomes para as instâncias superiores. Isso acontece, em grande medida, porque as seleções obedecem a critérios subjetivos, pendendo sempre para a predominância masculina. (GIL, 2022)

No sexto parágrafo Gil volta a defender que há avanços, usando a locução verbal “foi conquistado” e o adjetivo “consistente”, mas continua ressaltando, estatisticamente, realidades que precisam mudar. Agora, ela traz a baixa representatividade das mulheres na Câmara e no Senado e usa o adjetivo “fundamental” para destacar a importância do papel masculino na luta contra a violência de gênero. Ao usar a palavra “transformação”, a juíza parece ter a intenção de fazer os homens que leem seu artigo refletirem se estão oprimindo as mulheres ao seu redor para que se transformem.

Na mesma linha do que defendeu acerca da baixa representatividade feminina na política, a então presidente da AMB defende que a igualdade de gênero precisa chegar também aos concursos para a magistratura. A escolha lexical “ultrajante” mostra a indignação da juíza com o fato de haver mulheres aprovadas no concurso, mas, ao final do processo, os homens são os escolhidos por outros homens.

O artigo encerra nos dois seguintes parágrafos:

Para além de uma pauta meramente identitária, o embate com o machismo deve ser encarado como questão humanitária, essencial e imprescindível para a obtenção da tão almejada igualdade entre os sexos. Menos flores e mais vontade política. Afinal, essa é uma luta de todos e para todos.

Que em 2022, quando se comemoram os 90 anos do direito ao voto feminino no Brasil, o Dia da Mulher tenha o poder de despertar — mais do que o cavalheirismo de ocasião disfarçado em pétalas de rosas ou cartões perfumados — a consciência de fato da sociedade para a luta concreta contra esse problema crônico, e mundial, denominado violência de gênero. (GIL, 2022).



No penúltimo parágrafo Gil polemiza abertamente com os discursos machistas, defendendo que devem ser combatidos como uma questão humanitária e com vontade política. Nos dois últimos parágrafos, a então presidente da AMB também polemiza com os discursos que defendem presentear as mulheres no Dia Internacional da Mulher, o que reforça que ela entende a data como um momento político, de luta, o que realmente é desde sua origem socialista e sufragista. Esse ponto de vista é reforçado no último parágrafo ao mencionar os 90 anos do direito ao voto. Aqui, a juíza se contrapõe àquelas pessoas que presenteiam as mulheres e não lembram do sentido político do Dia Internacional da Mulher com a escolha de palavras “cavalheirismo de ocasião disfarçado em pétalas de rosas ou cartões perfumados”. Nesse ponto, Gil defende que a mulher esteja situada em relação a um outro, seja homem ou mulher, que lute pela causa feminina, que enalteça a igualdade dos gêneros. Portanto, é um ponto de vista feminista, que defende a mulher como igual e não como submissa ao homem.

A polêmica entre os pontos de vista do ex-presidente e da juíza

Uma vez que a polêmica é um debate dicotomizado acerca de uma questão social, ela mostra dois diferentes pontos de vista que circulam no Dia Internacional da Mulher. Ao analisar o discurso do então presidente da república Jair Bolsonaro, concluímos que ele constrói um ponto de vista machista sobre a mulher em diversos aspectos linguísticos, principalmente, em suas escolhas lexicais e nas polêmicas abertas que traça, mostrando que há um ideal de mulher a ser “respeitado”, todas devem ser cisgênero, mães, esposas e submissas ao homem.

Por outro lado, ao analisar o artigo de opinião da juíza e então presidente da AMB, Renata Gil, concluímos que ela defende um ponto de vista feminista. Suas escolhas lexicais mostram sua indignação com os problemas sofridos pelas mulheres e sua determinação em lutar contra a violência. A polêmica aberta que traça demonstra se situar contra discursos machistas e contra os discursos que tornam o Dia Internacional da Mulher uma comemoração com presentes ao invés de uma data de luta.

Bolsonaro e por Gil constroem polêmicas abertas com o aspecto que Amossy defende fazer parte desse fenômeno: a desqualificação do outro. Bolsonaro desqualifica o ponto de vista que o Partido dos Trabalhadores (PT) tem sobre o papel social da mulher. A juíza desqualifica os discursos machistas e os discursos que não considerem o real significado da luta do 8 de março.



O discurso de Bolsonaro e o artigo de opinião de Gil circulam de forma paralela, não foram produzidos com o objetivo de responder ou atacar um ao outro, ambos estão direcionados ao objeto de que tratam no 8 de março: o papel social da mulher. Ao tratarem sobre esse objeto do discurso, apresentam perspectivas distintas, muitas vezes, opostas que, discursivamente, polemizam entre si. Por isso, é que podemos considerar que constroem uma polêmica pública ou velada, que reside nas diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto do discurso. Ademais, o aspecto da polêmica pública, diferentemente da polêmica velada, se caracteriza por necessariamente ser um tema de grande alcance, tal como é o Dia Internacional da Mulher. Por último, considerando mais uma característica da polêmica segundo Amossy, a dicotomização e a polarização residem no embate entre dois pontos de vista que circulam em sociedade no 8 de março acerca da mulher: um olhar machista X um olhar feminista.

No quadro a seguir, sistematizamos os momentos pontuais em que há polêmica velada entre os enunciados de Bolsonaro e Gil, isto é, em que se chocam ao tratar o mesmo objeto discursivo, o papel social da mulher, a partir de diferentes pontos de vista.

Quadro 1 – Polêmica velada: os diferentes pontos de vista no Dia Internacional da Mulher

Ponto de vista no discurso político do ex-presidente Jair Bolsonaro	Ponto de vista no discurso jurídico da juíza Renata Gil
Os avanços na luta contra a violência de gênero já alcançados são os únicos que importam, os únicos mencionados	Os avanços já alcançados são importantes, mas é preciso aprofundá-los
Autopromoção, não promove a causa da mulher por si só, apenas a atrelando aos ganhos do governo	Promove, em primeiro lugar, a causa feminista por si só
Frente ao Dia Internacional da Mulher, escolhe contar a história de sua mãe e de sua família, fato irrelevante para a luta coletiva feminista	Usa o fato particular de ser a primeira mulher a presidir a AMB em 70 anos de instituição, o que é relevante para as conquistas feministas
Uso de léxico informal e indelicado para tratar do agressor da mulher: “machões”	Uso de léxico formal, delicado e empático para tratar do agressor da mulher: “companheiros”
A mulher é sempre ancorada e situada como submissa a um outro, frequentemente,	A mulher é ancorada na igualdade de gênero e o outro, ao redor dela, deve ser aquele que



homem	luta pelos seus direitos
-------	--------------------------

Fonte: elaboração própria

Considerações finais

A análise do ponto de vista de cada um dos enunciados, retomando a seleção lexical, os movimentos intra e interdiscursivos de retomada-modificação dos discursos circulantes, e as relações sociais eu-outro permite compor os elementos linguístico-discursivos que levam à interpretação dos textos em questão.

No discurso de Jair Bolsonaro, a seleção lexical, por exemplo, da palavra “respeito” juntamente com os movimentos interdiscursivos de polêmica aberta dirigida ao PL-122 e ao PNDH-3 leva a interpretação do ponto de vista de Bolsonaro de que, para os ideais de família serem respeitados, todas as mulheres devem ser cisgênero. As relações sociais eu-outro são observadas na escolha de palavras, quando o ex-presidente não se dirige às mulheres, mas, “primeiro”, aos “senhores militares”, mostrando que está falando para seus pares, buscando promover o seu governo ao abordar o Dia Internacional da Mulher, como faz quando diz que o seu governo “foi o que mais prendeu machão agressor”. Esses exemplos do que foi analisado anteriormente mostram que o ponto de vista está impresso na materialidade linguística, principalmente, nas escolhas lexicais.

No artigo de Renata Gil, a escolha de palavras “cavalheirismo de ocasião disfarçado em pétalas de rosas ou cartões perfumados”, por exemplo, compõe a relação interdiscursiva de polêmica aberta com os discursos que defendem presentear a mulher na comemoração do 8 de março e se esquecem da importância política da data. Um dos momentos em que observamos a relação social eu-outro é quando a juíza seleciona a palavra “companheiros” para se referir aos agressores das mulheres, de forma que pratica a empatia, se coloca no lugar das mulheres que dependem emocional ou financeiramente desses homens.

A polêmica velada e pública entre esses dois enunciados, percebida por meio da aproximação de pontos cruciais deles é interessante para perceber as diferenças de escolhas lexicais de sujeitos de dois grupos ideologicamente distintos. Fica a cargo de estudos futuros identificar recorrências de seleções de palavras nesses grupos: a palavra “machões” seria uma constante no falar das pessoas que têm ponto de vista machista sobre o papel social da mulher? O mesmo ocorreria com a palavra “companheiros” em relação àqueles que têm visão feminista sobre a mulher em sociedade?



Por último, é imprescindível destacar que os discursos presidenciais e jurídicos precisam tomar o Dia Internacional da Mulher como um dia de luta pela manutenção e atualização dos direitos femininos. A desigualdade de gênero a ser enfrentada resulta nas mais diversas situações: salários desiguais, falta de acesso a cargos de liderança, sobrecarga de trabalho doméstico, e, o mais urgente: a violência física, psicológica e o feminicídio. Ressaltar a igualdade de gênero é uma forma de empoderamento da mulher para que consiga denunciar e lutar contra as formas de violência e uma forma de conscientização masculina. Por outro lado, adotar discursos machistas, que colocam a mulher como submissa ao homem, é uma forma de manter os problemas diários de desigualdade entre homens e mulheres nas empresas, nos lares, no espaço público, contribuindo para que situações de violência de gênero continuem ocorrendo.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1963].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organização de Augusto Ponzio. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João, 2020 [1924].

BRASIL. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na cerimônia de Comemoração do Dia Internacional da Mulher**: Brasil prá [sic] elas, por elas, com elas – Brasília/DF. Brasília: Presidência da República, 2022. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-comemoracao-do-dia-internacional-da-mulher-brasil-pra-elas-por-elas-com-elas-palacio-do-planalto>. Acesso em: 8 set. 2023.

BUENO, Samira (Coord.). **Violência contra mulheres em 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contramulher-2021-v5.pdf>. Acesso em 24 nov. 2022.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista Investigações**, Recife, v. 2, n. 25, p. 21-41, jul. 2012.



Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/338/283>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GIL, Renata. **É preciso aprofundar os avanços**. Brasília: Correio Braziliense, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2022/03/4991258-renata-gil-e-preciso-aprofundar-os-avancos.html>. Acesso em 20 jul. 2022.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MARTELLO, Alexandre. **Brasil teve 105 mil denúncias de violência contra mulher em 2020**; pandemia é fator, diz Damares. Brasília: G1, 7 mar. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>. Acesso em: 10 jul 2021.

SABÓIA, Gabriel. **Relembre declarações com ofensas às mulheres feitas pelo presidente e a família Bolsonaro**. Rio de Janeiro: O Globo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro diz que família é 'sagrada' e insinua que LGBTQI+ vão para o inferno**. Brasília: Correio Braziliense, jan. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4978076-bolsonaro-diz-que-familia-e-sagrada-e-insinua-que-lgbtqi-vao-para-o-inferno.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PAULA, Luiz Fernando de; MACHADO, Pedro Lange Netto. **Apesar de fala nacionalista de Bolsonaro, mercado segue acima de todos**. São Paulo: Folha de S. Paulo, p. 1-29. jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/apesar-de-fala-nacionalista-de-bolsonaro-mercado-segue-acima-de-todos.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].